



ANÁLISE

por Sílvia Fernandes



Sílvia Fernandes é diretora executiva da CC&I – Consultoria, Comunicação & Imagem, Lda, com instalações em Portugal e Moçambique

Sentir o mercado moçambicano

“Moçambique não precisa de desempregados em busca de trabalho, mas sim de empresas com know-how e capacidade para investir”

Moçambique transformou-se desde há cerca de um ano num “destino da moda” para os empresários portugueses, atraídos pelas oportunidades que têm surgido com o crescimento económico do país, essencialmente fruto da exploração dos seus recursos minerais. Com a chegada de grandes grupos internacionais para a exploração do carvão e do gás, surgiu numa primeira fase a necessidade de se alojar e alimentar os trabalhadores estrangeiros, e logo de seguida de se criarem infra-estruturas para escoar os produtos explorados. Esta situação abriu um manancial de oportunidades, sobretudo nas áreas da construção e restauração, onde os portugueses, apesar de tudo, continuam imbatíveis. Contudo, embora Moçambique seja um país “friendly business” e com muitas riquezas, não se pode dizer que seja propriamente um país rico. A pobreza afecta grande parte da população, o país ainda depende fortemente da ajuda internacional e possui uma taxa de desemprego a rondar os 22%. Além disso, o impacto negativo das cheias e do atraso das condições para o escoamento do carvão fez com que o FMI revise o crescimento do país para este ano em 7% contra os 8,4% inicialmente previstos, o que se pode traduzir numa desaceleração face às suas expectativas.

Por isso, para quem pretenda investir em Moçambique há primeiro que questionar “porquê” aquele mercado. Recolher o máximo de informação, de preferência junto das instituições oficiais é um passo imprescindível antes de se tomar qualquer decisão de partida. O “El Dorado” promovido em seminários que quase todas as semanas surgem sobre Moçambique, ou por pessoas que após uma viagem de duas semanas a Maputo adquirem o estatuto de consultores ou mesmo por aquele amigo que está lá há uns anos e conhece toda a gente, até é amigo do filho do ministro”, pura e simplesmente não existe.

Apesar do país ser grande, o mercado é ainda pequeno. Há muita coisa por fazer, de facto, mas Moçambique não precisa de desempregados em busca de trabalho, mas sim de empresas com capacidade para investir, que levem o know-how e de preferência o capital também. Os negócios memoram a ter retorno e nem toda a gente vai preparada para

seis a 12 meses só de investimento. A vida não é propriamente barata, uma renda de casa pode atingir os 5 mil dólares e as despesas em transporte e alimentação podem arruinar o orçamento mais bem planeado.

Para além da questão financeira, há ainda a questão social. Muitos portugueses acreditam que por falarem a mesma língua, a integração é automática. Nada mais errado, porque falar a mesma língua nem sempre quer dizer que falem a mesma “língua”. Pequenos gestos, atitudes podem ditar o sucesso ou a ruína de um negócio. A humildade e simplicidade com que a maioria dos moçambicanos nos recebe não devem ser tidas como um sinal de fraqueza ou subserviência. O povo moçambicano é por natureza acolhedor, amável e extremamente agradável. Mas neste regresso dos portugueses a Moçambique há muita gente que não se lembra, (e outros que nem sabem sequer) que houve num passado recente uma guerra entre os dois países.

A chegada massiva de portugueses desde meados do ano passado, alguns dos quais com a emergência de verem recompensadas as suas perdas em Portugal, ditou algumas medidas por parte das autoridades moçambicanas. A aplicação da letra da Lei no caso dos Vistos (e não uma mudança da lei) foi uma delas e que causou alguns dissabores a cidadãos portugueses no início deste ano. Neste momento, as exigências para se entrar naquele mercado começam a ser maiores, no fundo, uma forma de se separar o trigo do joio, quando o país tenta ele próprio encontrar um caminho sustentado para o seu desenvolvimento. Porque a verdade é que não são apenas os portugueses a serem atraídos para aquele mercado. Daí que neste momento um aconselhamento sério e profissional seja fundamental para quem decide investir em Moçambique. Porque mais vale chegar e dar passos pequenos mas seguros do que deixar-se levar pelos “facilitismos” oferecidos, atropelar etapas e poder vir a perder tudo num futuro que será seguramente muito próximo, face ao trabalho incansável que as autoridades moçambicanas, nomeadamente Ministério do Trabalho e Serviços de Emigração têm vindo a desenvolver junto das empresas estrangeiras.